

O Professor Doutor José Maria da Cruz Pontes

Ao proferir o «elogio» académico na cerimónia da solene imposição das insígnias doutorais na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra na tarde de 11 de Fevereiro de 1968, o Doutor Victor de Matos delineava-lhe o perfil nestes parágrafos que o diário *Novidades* do dia 19 seguinte publicava: «... José Maria da Cruz Pontes, cuja existência, ligada, no espaço, à Póvoa de Varzim e emergindo, no tempo dos homens, em Julho de 1925, desdobra-se, até nós, desde a sua formação filosófico-teológica em Braga — enriquecida por uma vasta experiência de publicista, frequentadora assídua de páginas e revistas culturais, e experimentada em docência pré-universitária paralela da frequência, em Coimbra, do curso de Ciências Histórico-Filosóficas, para depois se erguer (quase após a sua licenciatura em 1956) ao magistério universitário, classificado com 17 valores, e oferecendo, na sua dissertação *Estudo para uma edição crítica do Livro da Corte Enperial*, a chave erudita que, pelas mãos inaugurais do Doutor Miranda Barbosa, abriu a série de edições do Instituto de Estudos Filosóficos da sua Faculdade.

«Se já para a preparação desta obra, ainda estudante, recorreu a bibliotecas estrangeiras (em Paris, então), os ulteriores imperativos da sua especialização como Historiador da Cultura Medieval e uma rara vocação para os contactos humanos capazes de lhe enriquecerem legítimas exigências informativas e de multiplicarem a sua presença acti-

va e disponível no consenso de seus pares e nos circuitos internacionais em que se operam as fecundas osmose das formas especializadas da cultura — só por si explicam bem a impossibilidade de discriminar aqui as suas actividades como participante em congressos e simpósios (nacionais e estrangeiros), em seminários da especialidade, ou ainda os seus estágios e viagens (como bolseiro do Instituto de Alta Cultura ou da Fundação Calouste Gulbenkian) para o exame de manuscritos ou a consulta de especialistas como Van Steenberghe, Minio-Palluelo, etc., — através da Espanha, da Bélgica, e da Itália, ou da Inglaterra e dos Países Escandinavos, até às paragens sul-africanas de Pretória e Joanesburgo: vasta «rosa dos ventos» de um ávido e fecundo nomadismo cultural, em que sobressai, como monumento português, a sua recente comissão de serviço nos Estudos Gerais de Lourenço Marques [1965-1967], onde dirigiu o respectivo Centro de Estudos Humanísticos, órgão de extensão universitária a que deu também, como conferencista, a sua colaboração.

«Resta-me, pois, oferecer-vos, ao nível das aporções de tão abundante actividade, apenas os seus momentos mais significativos — centrados, aliás, pelas duas dissertações, de licenciatura e de doutoramento (no qual obteve a classificação de 19 valores — que também aqui o trazem perante nós).

«Com isto sacrificarei, porém (e ainda) o seu papel de mediador, em língua portuguesa, de obras de Jean Guitton e de Luigi Sturzo, e até trabalhos menores (na extensão ou na área de incidência) e que, em publicações nacionais e estrangeiras, acrescentam fontes ou reelaboram aspectos ligados aos temas centrais de seus estudos, tornando-os (no caso das publicações em língua estrangeira) acessíveis aos desconhecedores da nossa língua.

«Assim acontece com *Le problème de l'origine de l'âme de la Patristique à la solution thomiste* e *L'intérêt philosophique de deux commentaires inédits sur le De animalibus et le problème de leur attribution à Petrus Hispanus Portugalensis*, respectivamente publicados em Lovaina e em Milão — e com os quais o doutorando responde, aliás, à apreensão manifestada por Michel Schooyans quando, no fim da recensão crítica da dissertação sobre *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinais do século XIII*, escreveu:

«Un regret, ou plutôt une crainte: cet ouvrage, publié en portugais, aura-t-il l'audience qu'il mérite?»¹

«A resposta veio também (e ainda) com o «Prémio Ocidente» que lhe foi atribuído, em 1964, pelo Secretariado Nacional de Informação, e através de várias recensões críticas, entre as quais saliento, além da (já referida) de Schooyans, as de Domingos Maurício, em *Brotéria*², de Cerqueira Gonçalves em *Itinerarium*³ e as da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, na *Revista Portuguesa de Filosofia*⁴ e em *Colóquio*⁵, onde se reconhece como «para além das sínteses sobre a controvérsia acerca da origem da alma através da Idade Média e da colocação da obra psicológica de Pedro Hispano nessa perspectiva geral» (...) «o rigor, a seriedade e a objectividade patentes em toda» esta obra do Senhor Cruz Pontes lhe «conferem, desde já, um lugar de honra na bibliografia» de Pedro Hispano e, «de um modo geral, nos estudos de cultura portuguesa».

«Terminaremos este rápido perfil do doutorando restituindo-o ao seu primeiro trabalho universitário sobre a *Corte Enperial* — trabalho em que tenta apurar, para além do anonimato deste tratado apologetico, as respectivas fontes literárias, sistematizando os vários problemas teológicos e filosóficos que por ele afloram e estabelecendo ainda o texto (desfigurado pela edição de Sampaio Bruno) com vista à sua definitiva edição crítica.

«Os numerosos ecos que suscitou — e que, entre nós, se ergueram, entre outros, das vozes autorizadas do Prof. Moreira de Sá e do Dr. Domingos Maurício — vêm-nos ainda do Brasil e da sua Universidade de S. Paulo, bem como de Madrid, com Millás Vallicrosa e, sobretudo, da Lovaina de Hildebrand Bascour, Van Steenberghen e de Schooyans — este, uma vez mais, para nos lembrar como, a despeito da conclusão negativa do estudo do Senhor Cruz Pontes (quanto à originalidade filosófica da *Corte Enperial* — obra guiada, aliás, por intenções doxográficas) ela constitui, todavia, um documento

¹ *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, 2 (1962) p. 655.

² Cf. vol. 80, 4 (Abril de 1965), pp. 527-528.

³ Cf. tomo XI, nº 48 (Abril-Junho de 1965), pp. 306-307.

⁴ Cf. vol. 21, 4 (Outubro-Dezembro de 1965), pp. 457-459.

⁵ Cf. vol. 34 (Junho de 1965), pp. 70-71.

onde o «historiador da apologética e da literatura polémica» poderá estudar «a utilização da exegese e os métodos de argumentação adaptados aos interlocutores»; onde o «historiador da filosofia encontrará matéria abundante para ilustrar o tema da *philosophia ancilla theologiae*» e «o filólogo admirará um português arcaico já espantosamente apto, porém, para exprimir os tecnicismos do pensamento» e onde, finalmente, «o historiador da literatura inserirá este debate algo teatral na cadeia das *disputationes* multiformes que vêm dos primeiros séculos do cristianismo e cedo irão conduzir a *colloquia* mais pacíficos, adornados ou não de suaves *symposia*.

«Do Senhor Cruz Pontes — que ao renome ganhou com estes trabalhos pode acrescentar a qualidade de membro titular da *Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale* (em cujo *Bulletin* tem, aliás, colaborado) — tanto basta, pois, dizer, neste limiar solene da sua integração na Alma Mater Conimbrigensis».

A investigação sobre a origem da alma nas obras de Pedro Hispano levou Cruz Pontes a definir com clareza problemas historiográficos até aí quase ignorados na obra do autor medieval, quais sejam o das suas fontes antigas e medievais, o da evolução do seu pensamento, seu lugar no contexto dos debates filosóficos do século XIII, sua possível influência científica ou filosófica em outros autores. Dando-se conta que nas obras atribuídas a Pedro Hispano se defendem teorias muito diversas e em alguns casos inconciliáveis, Cruz Pontes aventa pela primeira vez com fundada consistência a hipótese de haver obras espúrias no *corpus* do nosso autor. É nesta perspectiva intrinsecamente problematizadora do legado do filosófico medieval que continuará a dedicar-lhe inúmeras investigações, com títulos sempre incisivos e minuciosamente descritivos, que anunciam autênticos programas de investigação. De entre esses devemos destacar, pela sua importância e repercussões: «Para situar Pedro Hispano Português na história da filosofia» (de 1968), *A obra filosófica de Pedro Hispano Português. Novos problemas textuais* (de 1972), «A propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portugalsis, le pape Jean XXI (†1277) est-elle nécessaire?» (de 1977),

ou mais recentemente «On Some Works Attributed in Error to Petrus Hispanus Portugalensis» (de 1990).

Os fundamentos historiográficos e filosóficos do trabalho de Cruz Pontes sobre Pedro Hispano, deverão ser compreendidos no âmbito da chamada *Escola de Lovaina* à qual manifestou sempre a sua ligação. Vejam-se, por exemplo, a Introdução e a nota prefacial aos livros sobre Pedro Hispano (respectivamente de 1964 e 1972) onde se explicitam afinidades filosóficas e historiográficas, mas também relações académicas que se tornariam de amizade, com os mais dinâmicos e influentes mestres das últimas décadas do Centre De Wulf-Mansion do Institut Supérieur de Philosophie da Université Catholique de Louvain, de entre os quais destacamos aqui Fernand Van Steenberghen, Suzanne Mansion, Gérard Verbeke. Os próprios estudos de Cruz Pontes sobre Pedro Hispano Portugalense podem, com merecimento, ser lidos como um exercício de compreensão da orientação metodológica imprimida aos estudos medievais pela Escola de Lovaina: o que se procura é, antes de tudo, inteligir cada filósofo em si mesmo, destacando aqueles problemas que permitam sublinhar o seu contributo pessoal ao pensamento da sua época. Este programa metodológico toma corpo no regresso aos próprios textos (o que equivale a dizer aos manuscritos), situando-os no movimento da evolução da obra do autor, e interpretado-os à luz das suas fontes e contextos doutrinários e da inserção institucional que estimula a elaboração da obra.

Esta nova perspectiva constituiu de facto uma mudança de paradigma, introduzida nos estudos petrínicos por Cruz Pontes. Ela assentou antes de tudo na consideração em simultâneo de toda a obra do filósofo e não apenas deste ou daquele escrito. Daqui resultou uma imagem mais real do filósofo mas também mais densa (por vezes quase impenetrável) porque acarretou novos e sérios problemas histórico-críticos, como por exemplo quanto à datação das obras, ou quanto à coerência das doutrinas nelas perfilhadas, ou quanto à existência de obras apócrifas entre as ortónimas. O volume *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais* (de 1972) foi precisamente dedicado a fazer o ponto destas questões.

Os volumes de 1964 e 1972 tornaram-se sem dúvida estudos de referência entre a bibliografia consagrada a Pedro Hispano. Para tal contribuiu, para além do prestígio de especialista que Cruz Pontes

granjeou, a boa recepção internacional dessas obras, bem patente em recensões publicadas um pouco por todo o lado, de que é exemplo a recensão à obra de 1972 da autoria da grande medievista Marie Thérèse d'Alverny na revista *Scriptorium* ⁶. Por outro lado, estas obras foram das poucas da medievística portuguesa mais recente que lograram obter, a despeito da língua, uma assinalável difusão e influência no estrangeiro ⁷. Não há estudo sério sobre Pedro Hispano, que não tenha em conta, pelo menos, o quadro traçado nestes volumes. Por outro lado, é uma experiência comum, nos contactos informais que os diversos congressos e colóquios internacionais sobre filosofia medieval sempre proporcionam, ouvir de alguém uma pergunta sobre o Prof. Cruz Pontes, ou constatar de viva voz que as suas obras são das poucas (se não mesmo as únicas) da historiografia filosófica medieval portuguesa que conhecem. Ao editarmos o presente volume pudemos testemunhar o apreço que a comunidade científica internacional medievalista nutre para com a sua obra sobre Pedro Hispano Português. Lembraríamos apenas os nomes de alguns dos estudiosos que não tendo podido enviar a sua contribuição, fizeram questão de referir por escrito o apreço pelo trabalho de J. M. da Cruz Pontes enquanto historiador da filosofia: Alfonso Maierù (Roma), Heinrich Schmidinger (Salzburgo), Albert Zimmermann (Colónia), Louis Jacques Bataillon (Grottaferrata), Luca Bianchi (Pádua), Goulven Madec (Colombes), Charles Lohr (Freiburgo). A impressionante lista daqueles que se associaram à TABVLA GRATVLATORIA é ainda mais eloquente.

Outros factos nos confirmariam este prestígio. Por exemplo, deve-se dizer que é um fruto da perspicácia e do espírito de precisão de Cruz Pontes a designação de Pedro Hispano com um nome que evita o equívoco com os muitos outros homónimos seus contemporâneos

⁶ Cf. vol. 30 (1976) 124-126. Esta recensão foi reeditada na obra de M.-Th. d'ALVERNY, *La transmission des textes philosophiques et scientifiques au Moyen Age*, ed. by Charles BURNETT, Collected Studies Series 463, Variorum, Aldershot 1994.

⁷ Outras recensões: do volume de 1964, por Roland Hissette in *Bulletin de Théologie Ancienne et Médiévale*, 12 (1978) p. 358; in *Medioevo latino* 1 (1980) 210, nº 1820. Recensões do volume de 1972 por Roland Hissette in *Bulletin de Théologie Ancienne et Médiévale*, 12 (1978) pp. 357-8; in *Medioevo latino* 1 (1980) 210, nº 1817, por C. H. C. Silva, in *Euphrosyne* 6 (1973-74), pp. 299-306.

e que ao mesmo tempo localiza com rigor a origem do filósofo. De facto, desde o seu estudo de 1962, adoptou para o nosso autor a designação *PETRUS HISPANUS PORTUGALENSIS*, que se encontra no *colophon* da *Scientia libri de anima* (ms. Madrid, Bib. Nac., 3314, f. 67va). Repare-se como em todos os títulos Cruz Pontes designa Pedro Hispano como Portugalense, fazendo aos poucos com que a comunidade mundial de medievistas também adoptasse esta designação, com tal eficácia que ela está hoje em uso em quase todos os repertórios, ou índices ou obras de referência bibliográfica. Mas a influência de Cruz Pontes também se tem exercido de um modo, digamos, mais privado através da correspondência trocada com inúmeros estudiosos de Pedro Hispano ou da Filosofia Medieval em geral. Encontramos referência a essa correspondência e à disponibilidade que manifesta a quem o contacta, em inúmeros artigos ou obras publicados nos mais variados locais.

A intenção de Cruz Pontes ao preparar a dissertação de licenciatura fora utilizar os instrumentos culturais de trabalho recebidos no Seminário Conciliar de Braga (onde em 1945 colaborou na fundação da revista *Cenáculo*, que no ano seguinte dirigiu) para dar um contributo para a história da Filosofia em Portugal. O Professor Doutor Joaquim de Carvalho havia referenciado a importância da pesquisa das fontes do *Livro da Corte Enperial* como ponto imprescindível de partida. O Professor Segismundo Spina, no *Boletim Informativo* do Instituto de Estudos Portugueses da sua Universidade de São Paulo (Ano II-7/8, Junho-Janeiro, 1958-1959, p. 17) afirmava que «na linha de outros investigadores deste período da cultura portuguesa — Joaquim de Carvalho, os dois eruditos jesuítas Abílio e Mário Martins, Tejada Spínola — inscreve-se o nome de Cruz Pontes com este substancioso estudo, com que vem drenar o pensamento filosófico de uma época mal conhecida e propiciar um alargamento das fontes e das relações literárias e filosóficas de Portugal em fins da Idade Média». Os resultados desta investigação foram utilizados na dissertação de Celso Láfer, *O Judeu em Gil Vicente* (São Paulo, 1963). Os trabalhos realizados para aquele estudo abriram-lhe interesse por

dois temas que não saíram do seu horizonte: o lulismo em Portugal e a astrologia medieval como apologética cristã.

Prosseguindo o mesmo objectivo, elegeu a obra de Pedro Hispano Português para tema da dissertação de doutoramento, *Pedro Hispano Portugualense e as controvérsias doutriniais do século XIII — A origem da alma* (1964). Utilizando uma metodologia rigorosa e operativa, tomou como ponto de investigação uma das controvérsias que dividiram os mestres parisienses no século XIII: o problema da origem da alma humana, relacionando-o com a questão da unidade ou pluralidade de formas. Tendo averiguado que o tema era abordado nos comentários em forma de «quaestio» sobre os tratados zoológicos de Aristóteles conservados inéditos em Madrid e Florença, por iniciativa da Professora Suzanne Mansion, secretária do Centro De Wulf-Mansion do Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Lovaina, pôde apresentar no seminário de Filosofia Antiga e Medieval uma exposição acompanhada de extractos do manuscrito madrileno que os Professores Fernand Van Steenberghen e Gérard Verbeke discutiram quanto à difícil interpretação paleográfica, literária e doutrinal⁸.

Em apêndice à dissertação doutoral publicou algumas páginas dos códices madrileno e florentino dos comentários zoológicos aristotélicos na tradução arábico-latina de Miguel Escoto, para cujo estudo recorreu à arabista Professora Simone Van Riet.

Os resultados da investigação sobre Pedro Hispano Português serviram a Tamara Goldstein-Préaud na dissertação preparada sob a direcção de Guy Beaujouan acerca de *Gérard du Breuil et la zoologie aristotélicienne au XIII^e siècle*⁹ e na dissertação de doutoramento de Alexander Schlögel, *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken* orientada pelo Prof. Johannes Müller, apresentada em 1965 no Instituto Superior de Filosofia do Athenaeum Sancti Anselmi de Roma. L. M. de Rijk, editor das obras lógicas de Pedro Hispano, usa extensamente os estudos de Cruz Pontes na reconstituição biográfica de Pedro Hispano que incluiu na introdução à edição das *Summulae*, ou nos estudos preparatórios da mesma. O próprio Cruz Pontes, em *A obra Filosófica de Pedro de Pedro Hispano* (de 1972), em exemplo de diálogo

⁸ Cf. *Revue Philosophique de Louvain*, t. 61, Novembro de 1963, p. 722.

⁹ Cf. *École Pratique des Hautes Études, Annuaire 1969/1970*, p. 413.

intelectual e investigativo de longo alcance, retomaria e discutiria as conclusões desses estudiosos, que podemos considerar como devedores do seu trabalho. Esta influência sobre os especialistas em Pedro Hispano e o diálogo que com eles mantém prolonga-se ainda e continua a dar os seus frutos. Vejam-se a propósito os estudos mais recentes sobre a obra filosófica e naturalística de Pedro Hispano escritos por investigadores como Silvia Nagel e Miguel C. de Asúa, ou de cariz mais biográfico como os de José Antunes. Podemos considerar os estudos destes investigadores inseridos, pelo menos em parte, no filão aberto pelas precedentes investigações de Cruz Pontes.

Não descurando o inicial empenhamento pela história da cultura e da filosofia em Portugal, estudou a actuação do dominicano vimaranense Frei António de Sena na edição de obras de Tomás de Aquino, referida de forma equívoca nas notícias a seu respeito. Utilizando um documento do Arquivo Nacional da Torre do Tombo dá as razões por que é dedicada a D. António, Prior do Crato, a sua edição da *Summa Theologiae* de 1569.

O movimento de renovação da Escolástica na sequência da encíclica de Leão XIII de 1879 teve um empenhado impulsor no bracarense Padre Martins Capela. Cruz Pontes procurou as raízes deste interesse e os passos da sua acção encontrando, entre outros, os elementos dos quatro grossos volumes inéditos de letra miúda do seu *Diário*, actualmente pertença de um arquivo privado. A revista *The philosopher's index* (Vol. X, nº 2, Summer 1976, p. 70) publicou um sumário do primeiro artigo sobre Martins Capela, saído na *Revista Portuguesa de Filosofia*.

A comunicação apresentada em Roma em 1980 no VIII Congresso Tomístico Internacional publicada nas respectivas Actas forneceu a Heinrich M. Schmidinger os elementos com que pela primeira vez o neotomismo português encontra lugar para referência, a par de outros países na história internacional daquele movimento filosófico, no capítulo «Der spanish-portugiesische Raum - Die Iberische Halbinsel» da obra colectiva dirigida por Emerich Coreth e outros, *Christliche Philosophie im katholischen Denken des 19. und 20. Jahrhunderts* (Graz, Verlag Styria, s. d., vol. 2, p. 247- 250)¹⁰. A comissão organiza-

¹⁰ Na tradução espanhola, *Filosofía cristiana en el pensamiento católico de los*

dora do IX Congresso Tomístico Internacional, realizado em Roma em 1990 escolheu o Doutor Cruz Pontes para fazer parte do seu «Comitato Scientifico».

Completeemos estes parágrafos registando alguma parte da sua actividade universitária.

Assistente da secção de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por proposta do Professor Doutor Arnaldo de Miranda Barbosa em 1957, após uma ano de magistério secundário no Liceu Camões de Lisboa, foi no ano lectivo de 1957-1958 encarregado das aulas práticas de História da Filosofia Antiga, História da Filosofia Medieval e História da Filosofia em Portugal. Na época de exames de 1958, por impedimento do Professor Doutor Joaquim de Carvalho, gravemente doente, realizou os exames finais das cadeiras de História da Filosofia em Portugal e de Moral. Em Outubro de 1958 o Conselho da Faculdade encarregou-o da regência da cadeira de História da Cultura Medieval, introduzida no curriculum de todos os cursos (excepto de Filologia Clássica e de Geografia) pela Reforma estabelecida pelo Decreto nº 41341. Além desta cadeira, leccionou Filosofia Antiga, Filosofia Medieval e Introdução à Filosofia.

Tendo feito concurso de provas públicas para professor extraordinário em 1973, foi definitivamente nomeado professor catedrático em 1979.

Fez parte de júris de exames de aptidão de acesso à Universidade, assim como de provas de licenciatura, argumentando dissertações, e participou também em júris de provas de mestrado, de doutoramento e de concurso, várias vezes intervindo na discussão das provas, nas Universidades de Coimbra, Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Porto, Universidade de Évora, Universidade dos Açores e Universidade Católica Portuguesa.

Coube-lhe em 30 de Julho de 1968 proferir na Sala dos Capelos o discurso de apresentação de Giacinto Manuppella e de Ruy d'Azevedo na cerimónia de doutoramento «honoris causa».

siglos XIX y XX. Tomo 2 - Vuelta a la herencia escolástica, Madrid, Ediciones Encuentro, 1994, p. 709-713.

Em Março de 1983, como professor visitante, proferiu três lições no Hoger Instituut voor Wijsbeggeerte da Katholiek Universiteit Leuven.

Participou desde 1964 nos Congressos promovidos quinquenalmente pela Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale em Milão, Madrid, Bona, Lovaina, Helsínquia e Ottawa, com intervenções publicadas nas Actas, assim como a colaboração prestada aos relatórios de Guy Beaujouan, presidente da comissão de Trabalho «Histoire des Sciences et Philosophie au Moyen Age». Igualmente tomou parte em numerosos congressos nacionais do mesmo modo que em congressos internacionais realizados em Madrid, Salamanca, Bérnago, Roma, Veneza, Atenas, Córdoba (Argentina), Ottawa, Rio de Janeiro.

Tem pronunciado conferências em Coimbra, Porto, Braga, Viseu, Lamego, São Pedro do Sul, Ponte de Lima, Póvoa de Varzim, Ponta Delgada e S. Salvador da Bahia.

É colaborador da *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, assim como da *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, *Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*, *Biblos - Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira das Literaturas de Língua Portuguesa*, do *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária* e do *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Além de artigos sobre temas culturais em diversos semanários regionais, tem colaboração dispersa durante alguns períodos em jornais diários como *Novidades*, *A Voz*, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, *A Capital* e *Correio da Manhã*, de Lisboa, e *Diário do Norte*, *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, *Diário do Minho* e *Correio do Minho*, de Braga, *Diário de Coimbra*, e ainda no *Notícias* de Lourenço Marques. Os mais significativos destes artigos ficam registados na bibliografia que organizamos.

Pertence à Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, e é membro titular da Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, da Asociación Española de Filosofía Medieval, da Sociedade Helénica de Estudos Filosóficos, «Magister» da Maioricensis Schola Lullistica e «Miembro de Honor» da Sociedad Católica Argentina de Filosofía.